

## *Exercícios Gerais*

E	U	
P	A	S-
S	O	

	T	U
P	A	S-
S	A	S

E	L	E
	R	A-
L	A	

## Exercícios Gerais

### TEXTO I

#### FITA VERDE NO CABELO

Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam.

Todos com juízo, suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto. Aquela, um dia, saiu de lá, com uma fita verde inventada no cabelo.

Sua mãe mandara-a, com um cesto e um pote, à avó, que a amava, a uma outra e quase igualzinha aldeia.

Fita-Verde partiu, sobre logo, ela a linda, tudo era uma vez. O pote continha um doce em calda, e o cesto estava vazio, que para buscar framboesas.

Daí, que, indo, no atravessar o bosque, viu só os lenhadores, que por lá lenhavam; mas o lobo nenhum, desconhecido nem peludo. Pois os lenhadores tinham exterminado o lobo.

Então, ela, mesma, era quem se dizia:

– Vou à vovó, com cesto e pote, e a fita verde no cabelo, o tanto que a mamãe me mandou. A aldeia e a casa esperando-a acolá, depois daquele moinho, que a gente pensa que vê, e das horas, que a gente não vê que não são.

E ela mesma resolveu escolher tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso. Saiu, atrás de suas asas ligeiras, sua sombra também vindo-lhe correndo, em pós.

Divertia-se com ver as avelãs do chão não voarem, com inalcançar essas borboletas nunca em buquê nem em botão, e com ignorar se cada uma em seu lugar as plebeinhas flores, princesinhas e incomuns, quando a gente tanto por elas passa.

Vinha sobejadamente.

Demorou, para dar com a avó em casa, que assim lhe respondeu, quando ela, toque, toque, bateu:

– Quem é?

– Sou eu... – e Fita-Verde descansou a voz. – Sou sua linda netinha, com cesto e pote, com a fita verde no cabelo, que a mamãe me mandou.

Vai, a avó, difícil, disse: – Puxa o ferrolho de pau da porta, entra e abre. Deus te abençoe. Fita-Verde assim fez, e entrou e olhou.

A avó estava na cama, rebuçada e só. Devia, para falar agagado e fraco e rouco, assim, de ter apanhado um ruim defluxo.

Dizendo: – Depõe o pote e o cesto na arca, e vem para perto de mim, enquanto é tempo.

Mas agora Fita-Verde se espantava, além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada; e estava suada, com enorme fome de almoço. Ela perguntou:

- Vovozinha, que braços tão magros, os seus, e que mãos tão trementes!
- É porque não vou poder nunca mais te abraçar, minha neta... – a avó murmurou.
- Vovozinha, mas que lábios, aí, tão arroxeados!
- É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta... – a avó suspirou.
- Vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado, pálido?
- É porque já não te estou vendo, nunca mais, minha netinha... – a avó ainda gemeu.

Fita-Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez. Gritou:

- Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!... Mas a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio, triste e tão repentino corpo.

*(ROSA, João Guimarães. Fita verde no cabelo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.)*

- 1.** O conto recria a tradicional história de Chapeuzinho Vermelho, citando suas marcas mais conhecidas e refazendo seu sentido original. Distanciando-se, ainda, da história conhecida, o narrador faz questão de assinalar o caráter ficcional da narrativa, numa referência metalinguística. Esse procedimento, de apontar a própria narrativa como produto da ficção, explicita-se na seguinte passagem:

- a) “Sua mãe mandara-a, com um cesto e um pote, à avó, que a amava, a uma outra e quase igualzinha aldeia.”
- b) “Daí, que, indo, no atravessar o bosque, viu só os lenhadores, que por lá lenhavam; mas o lobo nenhum, desconhecido nem peludo.”
- c) “A aldeia e a casa esperando-a acolá, depois daquele moinho, que a gente pensa que vê, e das horas, que a gente não vê que não são.”
- d) “Demorou, para dar com a avó em casa, que assim lhe respondeu, quando ela, toque, toque, bateu:”

- 2.** “Mas agora Fita-Verde se espantava, além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada; e estava suada, com enorme fome de almoço.”

Pela leitura global do conto, é possível afirmar que essa passagem implica uma mudança para a personagem. Essa mudança pode ser caracterizada como:

- a) encontro com o passado e superação do medo do desconhecido
- b) ruptura com um mundo de fantasia e aproximação com a realidade
- c) supressão do ponto de vista infantil e afirmação de uma nova perspectiva

d) alteração da antiga ordem familiar e conhecimento do fenômeno da morte

**3.** “Fita-Verde partiu, sobre logo, ela a linda, tudo era uma vez.”

O trecho acima exemplifica uma construção original da linguagem por parte do autor, que seleciona e combina as palavras de um modo distinto do uso corriqueiro a que estamos habituados. Um dos recursos empregados para construir essa originalidade, no exemplo dado, é:

- a) o isolamento da expressão “sobre logo” por vírgulas
- b) a designação da menina por meio do composto “Fita-Verde”
- c) a equivalência entre “ela” e “a linda” na referência à menina
- d) o emprego da expressão “era uma vez” com o sujeito “tudo”

## TEXTO II O AGENTE

A placa dizia “Imobiliária Ajax”, e o agente subiu ao segundo andar. Na sala só havia uma mesa, uma cadeira e um homem sentado nela, imóvel, olhando para o teto.

O agente olhou para ele e disse:

“Sou do Instituto de Estatística e venho fazer o seu questionário.”

“Que questionário?”, perguntou o homem que estava na mesa.

“Nome, nacionalidade, estado civil — esses dados todos.”

“Para quê?”

“Para o recenseamento, para sabermos quantos somos, o que somos.”

“O que somos? Isso não”, disse o homem da mesa, com certo pessimismo.

“O recenseamento nos dará a resposta de tudo”, disse o agente.

“Mas eu não quero saber de mais nada”, disse o homem. “O senhor não está vendo”, acrescentou, subitamente aborrecido, “que eu estou ocupado?”.

“O senhor me desculpe”, disse o agente, “mas sou obrigado a preencher a sua ficha, o senhor também é, de certa forma, obrigado a colaborar. O senhor não leu a proclamação do presidente da República?”

“Não.”

“Foi publicada em todos os jornais. O presidente disse —”

“Isso não interessa”, disse o homem levantando da cadeira abrindo os braços, “por favor”. Mas o agente, lápis em uma das mãos e formulário na outra, não tomou conhecimento do pedido.

“Seu nome?”, inquiriu.

“José Figueiredo. Mas isso não vai lhe adiantar de coisa alguma”, disse o homem, sentando novamente.

O agente, que já tinha escrito “José” no formulário, parou e perguntou:

“Por quê? O senhor não está me dando um nome falso, está?”

“Não, oh! não. Meu nome é José Figueiredo. Sempre foi. Mas se eu morrer amanhã, isso não falsificará o resultado?”

“Esse risco nós temos que correr”, respondeu o agente.

“Morrer?”

“Sempre morre alguém durante o processo de recenseamento, porém está tudo previsto. Outros nascem, porém está tudo previsto. Está tudo previsto”, disse o agente.

“Quer dizer que eu posso morrer amanhã sem atrapalhar a vida de ninguém”, perguntou José.

“Pode — ora, o senhor não está com cara de quem vai morrer amanhã; está meio pálido e abatido, de fato, mas o senhor toma umas injeções, que isso passa. Estado civil?”

“O senhor pode guardar um segredo?”, disse José.

“Viúvo?”, disse o agente.

“Um segredo que vai durar pouco?”, continuou José.

“Eu só quero saber o seu estado civil, a sua —”, começou o agente.

“Eu vou me matar amanhã”, cortou José.

“Como? Isso é um absurdo! O senhor está brincando comigo?”

“Olhe bem para mim”, disse José, “estou com cara de quem está brincando com o senhor?”

“Não”, disse o agente.

“Não escrevi nenhuma carta de despedida; ou melhor, escrevi, escrevi várias, mas nenhuma me agradou. Além do mais, não sabia a quem endereçá-las: ao delegado de polícia? — impossível; A Quem Interessar Possa? — muito vago.”

“Que coisa,” murmurou o agente, “O senhor vai se matar mesmo?”

“Vou. Mas o senhor não precisa ficar tão chocado”, desculpou-se José.

“Mas isso é um absurdo”, disse o agente, pela segunda vez naquele dia. “O senhor não gosta de viver?”

“Bem”, disse José botando a mão na face e olhando para o teto, “há certas coisas que eu ainda gostaria de fazer, como beijar uma menina loura que passou por mim na rua ontem, tomar com ela um banho de mar e depois deitar na areia e deixar o sol secar meu corpo. Mas isso deve ser influência do céu”, disse ele olhando para a janela, “que está hoje muito azul”.

“Concito-o a abandonar esse propósito. Prometa-me que não irá cometer esse gesto”, disse o agente.

“Eu estou com pressa”, acrescentou imediatamente, quando viu que José balançava a cabeça.

“Já decidi; não posso mais voltar atrás.”

“Isso é uma loucura. Eu não posso ficar aqui até amanhã, a vida inteira, procurando convencê-lo da sua insensatez. Não posso perder meu tempo” continuou, agora ainda com mais vigor, “também preciso viver; cada dez minutos do meu tempo corresponde a um questionário; cada questionário corresponde a cento e setenta cruzeiros e cinquenta centavos”.

“Eu aprecio muito o seu interesse”, disse José.

“De nada, de nada”, disse o agente, olhando para o chão. “Ainda não fiz nada hoje”, acrescentou depois de uma pausa.

José levantou-se e estendeu a mão. Apertaram as mãos em silêncio.

O agente desceu as escadas lentamente. Quando chegou à rua, tirou uma folha de endereços do bolso e, com um lápis, riscou o nome “Imobiliária Ajax”. Olhou então o relógio e apressou o passo.

*(FONSECA, Rubem. Os prisioneiros. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.)*

- 4.** Na estrutura interna do conto, o foco do narrador apresenta-se em 3ª pessoa, acompanhando o ponto de vista do seguinte elemento:
- a) José
  - b) leitor
  - c) escritor
  - d) agente
- 5.** Esse conto é fundamentalmente estruturado sob a forma de um diálogo entre dois personagens. Entretanto, pela diferença radical de interesses entre eles, o diálogo, em alguns momentos, não cumpre sua função comunicativa básica. A existência deste diálogo incompleto está melhor representada pela seguinte passagem:
- a) “Nome, nacionalidade, estado civil – esses dados todos.”  
“Para quê?”
  - b) “Foi publicada em todos os jornais. O presidente disse –”  
“Isso não interessa”
  - c) “O senhor pode guardar um segredo?”, disse José.  
“Viúvo?”, disse o agente.
  - d) “O senhor vai se matar mesmo?”  
“Vou. Mas o senhor não precisa ficar tão chocado”

- 6.** O título “O Agente” é ambíguo, significando ao mesmo tempo o agente do Instituto de Estatística e o agente da verdade científica. Ao longo do texto, a ambiguidade, efeito produzido quando um termo assume outro significado, é intensificada por vários diálogos. O melhor exemplo deste efeito encontra-se em:
- a) “Sou do Instituto de Estatística e venho fazer o seu questionário.”  
“Que questionário?”, perguntou o homem que estava na mesa.
  - b) “Esse risco nós temos que correr”, respondeu o agente.  
“Morrer?”
  - c) “Eu só quero saber o seu estado civil, a sua –”, começou o agente.  
“Eu vou me matar amanhã”, cortou José.
  - d) “Eu aprecio muito o seu interesse”, disse José.  
“De nada, de nada”, disse o agente, olhando para o chão.

### TEXTO III UM BOI VÊ OS HOMENS

Tão delicados (mais que um arbusto) e correm  
e correm de um para outro lado, sempre esquecidos  
de alguma coisa. Certamente, falta-lhes  
não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres  
e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves,  
até sinistros. Coitados, dir-se-ia que não escutam  
nem o canto do ar nem os segredos do feno,  
como também parecem não enxergar o que é visível  
e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes  
e no rasto da tristeza chegam à crueldade.  
Toda a expressão deles mora nos olhos – e perde-se  
a um simples baixar de cílios, a uma sombra.  
Nada nos pêlos, nos extremos de inconcebível fragilidade,  
e como neles há pouca montanha,  
e que secura e que reentrâncias e que  
impossibilidade de se organizarem em formas calmas,  
permanentes e necessárias. Têm, talvez,  
certa graça melancólica (um minuto) e com isto se fazem  
perdoar a agitação incômoda e o translúcido  
vazio interior que os torna tão pobres e carecidos



de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor, ciúme  
(que sabemos nós?), sons que se despedaçam e tombam no campo  
como pedras aflitas e queimam a erva e a água,  
e difícil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião: 10 livros de poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.)

**7.** O poema de Drummond procura ver os seres humanos de um ponto de vista não-humano. Se fizermos uma correlação entre a construção deste texto e a própria literatura, podemos perceber na literatura a capacidade fundamental de:

- a) mimetizar a realidade do homem
- b) deslocar a perspectiva do leitor
- c) estabelecer uma negação do cotidiano
- d) promover a ratificação do senso comum

**8.** Tão delicados (mais que um arbusto) e correm / e correm de um para outro lado, ... (v. 01 - 02)

A linguagem literária surpreende não apenas pelo uso da conotação, mas também por certos arranjos linguísticos incomuns, que potencializam a função estética própria desse tipo de texto. Pela leitura dos versos acima, pode-se afirmar que a repetição estilística do conectivo e assume o seguinte sentido na caracterização dos homens:

- a) revela uma gravidade pessoal
- b) enfatiza uma atitude obsessiva
- c) aponta uma inquietude interior
- d) insinua uma crueldade escondida



---

## ***Gabarito***

- 1. C**
- 2. B**
- 3. D**
- 4. D**
- 5. C**
- 6. B**
- 7. A**
- 8. C**